

OS JOVENS CATÓLICOS CARISMÁTICOS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Flávio Munhoz Sofiati

Introdução

Com a perspectiva de abrir novas possibilidades de pesquisa a partir de problemáticas derivadas dos estudos sobre jovens católicos carismáticos, esta comunicação apresenta algumas considerações preliminares do meu atual projeto que tem como proposta analisar, a partir dos agrupamentos juvenis presentes no interior de um setor do catolicismo brasileiro com atuação nas universidades, os elementos que possibilitam a agregação de jovens e suas ações na sociedade brasileira. Tomando como referência uma instituição religiosa, no caso a Igreja Católica - IC, e um grupo específico de jovens, os carismáticos (RCC – Renovação Carismática Católica) que participam dos Grupos de Oração Universitários – GOU, busca-se compreender, por meio de biografias e narrativas juvenis, a adesão dos jovens a grupos religiosos e as formas de ação social na contemporaneidade.

Na atualidade, a pequena parcela de jovens organizados em movimentos juvenis (aproximadamente 15%), está articulada predominantemente no interior dos movimentos religiosos, principalmente os carismáticos e pentecostais, em sua manifestação mais recente chamada de “terceira onda”. Ou seja, a maioria dos jovens organizados está presente no interior das religiões, segundo as pesquisas “Perfil da Juventude Brasileira” (ABRAMO, 2005) e “Juventude Brasileira” (UNESCO, 2004).

É essa a ideia que se busca discutir na pesquisa para compreender os elementos que possibilitam identificar a forte presença de jovens em organizações juvenis de cunho religioso, no sentido de interpretar as categorias que possibilitam ou viabilizam a organização juvenil no contexto brasileiro. Especificamente nesta comunicação, concentram-se os esforços em apresentar as principais características de uma parcela dessa juventude, ou seja, dos jovens carismáticos participantes dos GOU’s.

Dessa forma, a comunicação possui a seguinte estrutura: breve apresentação do cenário juvenil atual no Brasil; definição da noção de juventude e opções teóricas para pensar a religião; análise inicial dos Grupos de Oração Universitários; e algumas considerações acerca da proposta de estudo em desenvolvimento.

O cenário atual da juventude

No âmbito juvenil, uma das novidades da atualidade é a crescente adesão de jovens aos movimentos religiosos, principalmente às igrejas e correntes do pentecostalismo católico e evangélico. A religião se consolidou como uma das principais formas de organização grupal da juventude nos tempos atuais, considerando a pequena parcela daqueles que se encontram organizados. As pesquisas enunciadas na introdução apontam que os jovens são organizados principalmente pelas instituições religiosas. Essa conjuntura torna necessário o estudo desse segmento juvenil em virtude das potencialidades de inserção das religiões nos espaços da sociedade.

Segundo a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, entre os cinco primeiros valores mais importantes para o jovem está o “Temor a Deus”. Os dados apontam em sua pergunta 12 – Pensando em uma sociedade ideal, qual destes valores você acha que seriam os cinco mais importantes? – para as seguintes respostas: “solidariedade” (55%), “respeito às diferenças” (50%), “igualdade de oportunidades” (46%), “temor a Deus” (44%), “justiça social” (41%), “dedicação ao trabalho” (37%), “respeito ao meio ambiente” (36%), “religiosidade” (29%), “liberdade individual” (27%). Outro ponto importante é que quando a opção é apenas de uma única resposta, “temor a Deus” aparece em primeiro lugar com 17% e religiosidade em quarto com 10% das respostas. Portanto, a pesquisa evidencia para um significativo interesse dos jovens com relação ao religioso, propiciando em princípio grandes possibilidades de participação nas igrejas.

No entanto, apenas uma pequena parcela da juventude brasileira (15%) está organizada em alguma associação ou entidade. Mas quando são estimuladas a escolher entre uma variedade de possibilidades, 17% diz que “faz parte” de “grupo religioso”. A confiança na “Igreja e padres católicos” e na “Igreja e pastores evangélicos” somam um percentual de 48% das respostas. Novaes (2005, p. 267, 270) destaca que os jovens evangélicos estão predominantemente entre os mais pobres e os jovens católicos, apesar de estarem em todas as classes sociais, também são mais numerosos entre os empobrecidos.

Os dados da pesquisa não apontam para uma participação específica em alguma tradição religiosa. Entretanto, Mariz (2005, p. 256) constata que há uma atração dos jovens por um tipo de opção religiosa mais radical no sentido de uma participação maior com o sobrenatural, oferecido pelas igrejas e movimentos pentecostal e carismático. Nessas igrejas “o jovem é concebido como alguém mais propenso a atitudes heróicas e a virtuosismos religiosos, que busca a santidade e também a revolução, e que morreria por

uma causa” (MARIZ, 2005, p. 257). Assim, tem-se uma concepção romântica do jovem: a figura de um herói belo e corajoso.

Mariz apresenta essas experiências religiosas como uma forma de superação de tensões presentes na vida do jovem. Há um relaxamento e uma sensação de força e poder que antes não eram encontrados na vida social. Nesse sentido, ela defende a tese da existência de uma subjetividade juvenil funcionalmente religiosa. Desse modo, essa subjetividade juvenil não necessariamente religiosa (mas funcionalmente religiosa) possibilita às religiões se tornarem nos dias atuais uma das principais formas de socialização do jovem na sociedade. Essa tendência é favorecida pela crise social enfrentada pela sociedade brasileira e pode ser entendida principalmente no que tange o aspecto educacional, trabalhista e político da juventude.

Dessa maneira, o objetivo central do meu projeto é identificar os elementos que possibilitam a organização de jovens em grupos religiosos, no caso católico-carismático. Para isso, tomando como referência os grupos universitários, busca-se analisar: as características dos agrupamentos juvenis carismáticos com atuação em Goiânia, principalmente na UFG (Universidade Federal de Goiás); a dinâmica de funcionamento desses agrupamentos juvenis carismáticos; os aspectos gerais da ação social desses jovens em seus espaços de atuação. Procura-se observar a juventude católica no intuito de identificar os elementos principais de seu processo de organização e ação social, tomando como referência biografias e narrativas de jovens carismáticos que participam de grupo de oração universitário.

A noção de juventude

A noção de juventude possui uma complexidade em sua definição, sendo caracterizada por diversas variantes que precisam ser inseridas ao termo, fazendo-se necessário um maior aprofundamento teórico do tema. Além disso, é fundamental que se apresente os principais elementos da teoria utilizada para compreensão do fenômeno religioso.

O conceito de religião é entendido aqui na perspectiva weberiana, cujo método consiste em situar o objeto analisado em sua interconexão com outros fenômenos. Em seu empreendimento de explicar os processos de racionalização característicos do Ocidente, Max Weber elege a religião como seu mais profícuo ponto de partida e constrói, a partir de seus estudos sobre religião, não apenas uma teoria da modernidade, mas um aparelho

metodológico fundamental no estabelecimento da Sociologia. Sua preocupação era com a descrição de objetos singulares para esclarecer o que é significativo neles. Assim, a sociologia compreensiva de Weber tem na análise causal seu principal meio de interpretação para entender o motivo de uma determinada ação. A ação social é entendida com expectativa em relação à ação dos outros, sendo orientada para o comportamento passado, presente e futuro dos outros. Por isso, as relações sociais são definidas como comportamentos orientados nos seus significados para a dependência mútua. Interessado em atitudes e formas de conduta e não apenas nas crenças formais, utilizando-se do conceito de afinidade eletiva, baseada em complexas interações mútuas entre atitudes, práticas e instituições, Weber logrou mostrar como o trabalho para glória de Deus tem consequências para a vida social dos indivíduos envolvidos.

Sua atenção, portanto, recai sobre os efeitos da ação comunitária e sua relação com determinadas condições socio-históricas. Dessa forma, Weber (2004, p. 279) preocupou-se em analisar as condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária cuja compreensão só pode ser alcançada a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos. Logo, não teve por objetivo analisar a essência da religião, mas a ação religiosa orientada para o mundo. No caso específico do Cristianismo, para o autor, o desenvolvimento moderno de suas ramificações é caracterizado pela ação religiosa que visa alcançar o domínio racional do mundo. Daí a importância de seu abrangente estudo sobre as religiões mundiais (WEBER, 2002) a fim de identificar de que forma diferentes convicções religiosas delineiam éticas cotidianas que terão impacto em todas as esferas da vida social. O desdobramento de tal investigação viria a fornecer-lhe elementos para identificar a ética religiosa de grupos protestantes como componente do desenvolvimento do que chamou de *espírito do capitalismo* (WEBER, 2005). Na sua perspectiva, o tipo de ação de tais grupos, definido como racional com relação a valores, não poderia ser apartado do círculo das ações ligadas a um fim pelo fato de seus propósitos serem de natureza econômica.

A definição weberiana de religião enfatiza também o caráter associativo desse empreendimento da salvação. Por isso, o autor identifica no nascimento da comunidade o produto da cotidianização, assegurado pela continuidade da revelação e da administração da graça, que garante a existência econômica da religião (WEBER, 2004, p. 311). Assim se justifica o peso atribuído aos especialistas religiosos no corpo teórico da obra de Weber, tipificados nas figuras do profeta e do sacerdote. Tais gestores dos bens de salvação, seja

pela detenção do carisma no caso do primeiro, ou pela representatividade institucionalizada do segundo, ditam a dinâmica da esfera religiosa por meio de transações entre si e com os leigos. Essas noções não de contribuir na análise das relações de poder no seio dos movimentos carismáticos.

Com relação ao tema da juventude, a referência inicial é a obra da professora Maria M. Foracchi, principalmente seus dois livros *O estudante e a transformação da sociedade brasileira* e *A juventude na sociedade moderna* que tratam da questão dos estudantes e a relação juvenil com a modernidade. Para Foracchi (1965, p. 302), “juventude é, ao mesmo tempo, uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência”, sendo que cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem. Foracchi (1972) argumenta ainda que a definição do conjunto dos jovens enquanto categoria histórica e social ocorre no momento em que esse se afirma como movimento de juventude, pois a noção de juventude é uma criação da própria sociedade moderna. Por isso, é necessário entender a juventude para entender as diversas características dessa sociedade, já que ela compõe o processo histórico e social de construção da modernidade. Como afirma Maria Helena Oliva Augusto (2005, p. 20) “A mobilização dos recursos e das potencialidades que possui depende diretamente das alternativas abertas aos jovens por sua inserção social, pelas posições que ocupam, pelos caminhos oferecidos para sua trajetória”. Dessa maneira, a juventude corresponderia ao momento de descoberta da vida e da história.

A obra de Foracchi (1965, 1972) é um clássico nos estudos sobre juventude, pois se mantém central para a discussão atual do tema. “Sua reflexão permanece viva e traz contribuições para o campo de conhecimento que tratou” (AUGUSTO, 2005, p. 12). A definição do termo juventude como categoria social é constituída, no trabalho que Foracchi desenvolve sobre os estudantes e o movimento estudantil, a partir de três aspectos: a) o desenvolvimento de relações interpessoais; b) a presença de manifestações vinculadas à situação de classe; c) e a referência aos processos de transformação da sociedade. Augusto (2005, p. 13) argumenta que a articulação desses três níveis permitiu uma equação abrangente do processo de construção da categoria juventude.

A proposta é avançar nas considerações de Foracchi, visto que nos últimos anos houve uma considerável mudança na composição social dos universitários em virtude do aumento de vagas e de instituições públicas e particulares de nível superior. Além disso, o ativismo dos jovens participantes dos GOU's é bem diferente da ação dos jovens que

participam do movimento estudantil, foco dos estudos de Foracchi. Como se apresentou na introdução do projeto, os participantes dos GOU's possuem formas não-convencionais de ação coletiva, configurando-se como uma nova modalidade de práticas coletivas no interior da vida estudantil que necessitam de uma atenção dos estudos sobre juventude, considerando também que os temas com interface juventude e religião ainda são muito incipientes na academia brasileira, conforme retrata Marília Pontes Sposito (2009b, p. 28).

Do ponto de vista sociológico, o jovem é um ser marginal, uma categoria marginalizada. O jovem está naturalmente à margem da sociedade em conjunto com as classes oprimidas, os intelectuais independentes, etc. Singer (2005 p. 27) trabalha com a idéia de juventude como “pessoas que estão numa mesma faixa etária” (entre 15 e 24 anos), vivenciando a realidade em “estágios vitais semelhantes”. Ele constata que os jovens de hoje nasceram em tempos de crise social.

Essa crise compõe a principal característica da modernidade, ou seja, a sua situação de instabilidade e falta de perspectiva de futuro. O signo do risco é tema central da sociedade atual. “O risco é aqui entendido como uma *interpretação* do enfrentamento do perigo na persecução dos objetivos” (MENDOLA, 2005, p. 59). No ambiente juvenil o risco se caracteriza principalmente na idéia do estudo como algo necessário para conseguir um bom emprego, mas não suficiente, já que o diploma hoje não proporciona mais uma possibilidade real de inserção profissional. O risco também assume forma relevante na fase juvenil por representar o início de um processo de construção, experimentação e a afirmação da própria identidade. Enfim, o jovem dos anos 2000 projeta seu futuro sob o signo do risco.

Salvatore Mendola (2005, p. 81-82) apresenta uma caracterização no que se refere ao enfrentamento do risco na atualidade entre jovens de diferentes segmentos sociais. Ele distingue três grupos: a) “os ainda não incluídos”: são os jovens inseridos no modelo burguês de transição para a vida adulta no qual há um treinamento predatório e um estímulo para ocupação de posições de poder; b) “aqueles nas fronteiras”: são os jovens com expectativa de mobilidade social, mas sem condições reais de ascensão; c) “os excluídos”: são os jovens que estão completamente excluídos dos trajetos institucionais de transição para a vida adulta.

A crise que perpassa a sociedade moderna, em seus mais variados aspectos, coloca em foco novos elementos para a caracterização da “dimensão de futuro”. O horizonte temporal vem sendo cada vez mais comprimido com o esvaziamento do tempo

futuro como um espaço propício para a construção de um “projeto de vida”. Essas transformações são sentidas principalmente nas vivências da juventude contemporânea, já que a noção de juventude como um momento de transição para a vida adulta está se esvaziando.

Carmem Leccardi (2005, p. 43) constrói a idéia de “futuro indeterminado e indeterminável”, noção cada vez mais presente nos dias atuais. “Nesse, há cada vez menos espaços para dimensões como segurança, controle, certeza [...]”. A autora apresenta uma nova noção que substitui a idéia “pouco funcional” de futuro: trata-se do termo “presente estendido”. Significa que o tempo se apresenta de forma fragmentada e a possibilidade de desenvolvimento de projetos se encontra esgotada na modernidade. Nesse processo, a idéia de “experimentação” ganha força e substitui a perspectiva do presente como cenário de construção de uma vida futura estável. No espaço juvenil, essa idéia ganha força e o presente estendido torna-se o futuro imediato para vivência plena da vida a partir dos impulsos do sentimento. Dessa forma, assiste-se ao esgotamento da perspectiva do futuro como espaço para definição do sujeito. O que vale é o “aqui e agora”, havendo uma supervalorização dos sentidos.

Significa que para o jovem percorrer as etapas naturais para a condição adulta – conclusão dos estudos, inserção no mundo do trabalho, saída da casa dos pais, construção de um núcleo familiar, geração de filhos – estão sendo dificultados. Assim, o prolongamento da fase juvenil se constitui em um aspecto importante em sua caracterização. Além disso, Leccardi (2005, 49) chama a atenção para “o desaparecimento da possibilidade de ancorar as *experiências* que os jovens realizam [...] no mundo das *instituições sociais e políticas*”. “Para o jovem, no centro dessa crise está a separação entre trajetórias de vida, papéis sociais e vínculos com o universo das instituições capazes de conferir uma forma estável à identidade”. (LECCARDI, 2005, p. 49). Assim, o jovem se encontra destituído de espaços de sociabilidade e possibilidades de inserção social.

Em contrapartida, Helena Abramo (2005) constata que os jovens estão chegando à vida adulta sem passar pelos estágios fundamentais estabelecidos no processo de transição (que se encontra prolongado nos dias atuais): formação escolar, profissionalização, entrada no mercado de trabalho. Ao ser forçado a “pular etapas” em virtude da crise social, o jovem assume responsabilidades da vida adulta, casamento e filhos, prejudicando-se na continuidade de sua formação educacional. Conseqüentemente tem dificuldades em encontrar emprego. O prolongamento da vida juvenil se configura

num aspecto importante e contraditório da crise social, no qual o jovem assume responsabilidades de adulto, mas mantém sua dependência da estrutura dos pais em virtude das dificuldades financeiras. Abramo (2005, p. 60) fala inclusive de “um novo modelo cultural de transição para a vida adulta”, em que o fim da juventude não implica necessariamente independência financeira em relação aos pais.

Há, portanto, um processo contraditório no cenário juvenil atual que passa pelo prolongamento e encurtamento da passagem da vida juvenil para adulta. O indivíduo prolonga sua permanência nessa faixa etária na medida em que se mantém dependente dos pais, mas pula etapas ao gerar filhos e assumir o casamento sem conquistar sua autonomia financeira. Todavia, Sposito (2009, p. 1-2) questiona essas definições e afirma que houve uma mudança no modo de transição para a vida adulta, sendo que alguns autores tratam do assunto como desregularização das etapas, outros como descronologização e há aqueles que dão ênfase à crise das matrizes que orientavam a ação das instituições sobre os indivíduos. Assim, a pesquisa é pensada a partir de objetivos que procuram compreender essa situação na realidade dos jovens carismáticos universitários.

A fim de encaminhar uma saída viável para o tema e que permita desenvolver o problema de pesquisa proposto aqui, insere-se nessa discussão as considerações de José Machado Pais (1993, p. 72-75) acerca dos “modos de agir dos jovens no interior dos ritmos da vida cotidiana”. Segundo o autor, uma metodologia eficiente para a compreensão do jovem na sociedade deve levar em consideração uma abordagem multi e interdisciplinar que possibilite analisar as “culturas juvenis” desenvolvidas por essa categoria social. Assim, a chave para entender a maneira com que os jovens constroem seu processo de passagem para a vida adulta está centrada na realização dessas “culturas juvenis” compreendidas por Pais como “práticas sociais”. Em sua perspectiva metodológica do “curso de vida” Pais examina os vínculos entre trajetórias individuais e estruturas sociais, centrais para o desenvolvimento da presente pesquisa que procura compreender a trajetória de jovens no interior de um agrupamento juvenil católico carismático e sua inserção e ação, como membro desse grupo, no interior da universidade.

Augusto (2005, p. 24) argumenta que “o *futuro possível* [do jovem] depende dos processos em curso na sociedade inclusiva e da posição ocupada pelo jovem na família”. Na opinião da autora, a perspectiva de futuro do jovem fica cada vez mais nebulosa diante de uma sociedade permeada de indeterminações e de insegurança nos mais diferenciados níveis da vida. A busca principal do jovem é o seu processo de inserção na

sociedade. A questão é que essa sociedade vive um profundo problema de exclusão. Diante de uma situação de crise, a busca do religioso se configura numa tentativa de reconquistar o futuro como espaço de estabilidade social. Como afirma Novaes (2005, p. 282), na análise do tema juventude e religião é fundamental que se insiram os elementos da insegurança e dificuldades de inserção social presentes na Brasil. Para a autora, o futuro é olhado pelos jovens na ótica do medo. O caminho percorrido nesse processo se dá a partir da crise educacional, da falta de trabalho formal, da não participação política e da falta de perspectiva de futuro. Isso leva preponderantemente às drogas, ao alcoolismo e à prostituição. Nessa situação a igreja passa a ser um ambiente de reencontro com a identidade e de resgate do projeto de vida.

Assim, a demanda por um projeto de vida passa a ser ancorada no religioso, tornando-se parte de um projeto divino. A alternativa para um futuro sem projetos, para parte considerável dos jovens, é a possibilidade de sua realização numa outra vida, no além. Por isso, a idéia de realização instantânea, diante de uma possibilidade de inclusão por meio do sagrado, torna as igrejas pentecostais e o movimento carismático espaços potenciais de presença dos jovens, principalmente aqueles que possuem poucos recursos sociais, culturais e econômicos para superar a crise de futuro que se apresenta na sociedade atual.

Os Grupos de Oração Universitários

A juventude do movimento carismático está organizada a partir de dois ministérios: Ministério Jovem (MJ) e Ministério Universidades Renovadas (MUR). Além desses dois ministérios existe o Ministério de Música que ocupa papel central nos grupos de oração e cujos participantes são, em sua maioria, jovens. Assim, a juventude carismática está organizada a partir de três estruturas: uma responsável pelos grupos de oração jovem, outra responsável pelos grupos de oração universitários – GOU's (e jovens recém formados) e uma que trabalha com a música, presente em praticamente todas as atividades do movimento.

Para compreender o funcionamento e objetivos dos GOU's, além da análise de documentos deste ministério, utiliza-se um conjunto de onze pesquisas desenvolvidas sobre o assunto na área de antropologia, sociologia e ciências da religião (dez dissertações e uma monografia de conclusão de curso). Busca-se valorizar a produção discente no sentido de estabelecer diálogo com os trabalhos produzidos na área para evitar uma postura

fragmentária, apostando na interconexão dos trabalhos sobre os estudos de religião e juventude. Nesta comunicação, para contextualizar os GOU's, recorre-se aos três trabalhos mais significativos para os objetivos desta pesquisa. São eles: Eduardo Gabriel, seu mestrado defendido na UFSCar em 2005, Gisele Sena Bertolazo, sua monografia defendida na UFMS em 2008, e o artigo de autoria de Carlos Eduardo Procópio (2009).

A proposta de formação de grupos de oração universitários surgiu em 1994 na UFV - Universidade Federal de Viçosa (MG) a partir da iniciativa de um jovem carismático chamado Fernando Galvani que “sonhou” em ver as universidades brasileiras repletas do Espírito Santo. Para Gabriel (2005, p. 40), “ao apresentar o ‘sonho’ de evangelização universitária que propõe o GOU, se colocará em questão o sentido da religiosidade (católica carismática) no processo da vida acadêmica cotidiana do universitário, e também o sentido reivindicado na ocupação de espaços no interior da Renovação Carismática”.

Para o autor, o projeto do MUR almeja conquistar, de forma planejada, espaço nos cargos de poder do movimento carismático. Gabriel (2005, p. 45) chama a atenção para o contexto inicial do MUR, indicando que sua gênese se dá a partir da articulação de jovens carismáticos que vão para o ambiente universitário e desejam continuar cultivando sua espiritualidade. A articulação desses elementos possibilitou o surgimento do MUR e sua difusão em universidades do país, a partir de jovens universitários originários, em sua maioria, de famílias católicas com pais pertencentes ao movimento carismático.

Nesse sentido, “A esperança lançada era motivar os universitários que já tivessem algum vínculo com a RCC para que pudessem organizar pessoalmente grupos de oração carismáticos nas universidades” (GABRIEL, 2005, p. 47). Dessa maneira, o GOU tem se configurado como um importante espaço de vivência religiosa de jovens de origem católica que ingressam nas universidades e também tem o interesse de reavivar a fé católica daqueles jovens que interrompem sua participação na Igreja após o ingresso no ensino superior. Um fato interessante do GOU é que ele tem conseguido se articular a partir das demandas específicas do universitário. “Os pedidos de oração e louvor no GOU atendem aos conflitos e demandas da vida acadêmica: provas, trabalhos, estágios, monitorias, bolsas de estudos, etc” (GABRIEL, 2005, p.79). Outro fato ao qual Gabriel chama a atenção é para o projeto de poder contido no GOU, na medida em que se reivindica mais espaço e participação no poder e postos de liderança na RCC. Tem-se como objetivo a construção de uma elite carismática, política e religiosa, almejada ao

mesmo tempo em que o GOU se constrói com certa autonomia da hierarquia do movimento.

Seguindo a perspectiva de Procópio (2009, p. 83-84, 88), nota-se que a RCC se insere na universidade a partir de dois elementos: resgate da potencialidade militante e engajada do jovem universitário e debate de um modelo de ética profissional. Para o primeiro é apresentado um estilo católico-carismático de militância (e de ser universitário) e para o segundo um modelo de profissional baseado numa ética católica. Esse processo se estabelece a partir de uma “negociação” com o ambiente acadêmico em que é oferecida uma “comunidade emocional” que funciona como uma “família” para o universitário que se sente deslocado de seu estilo de vida.

Para Procópio, ao transformar o campo de conhecimento em campo de missão, os GOU's fazem da religião um complemento da formação científica, produzindo uma mudança na perspectiva de vida dos jovens. Assim, o resultado do projeto de evangelização do MUR seria a divulgação da mensagem cristã e do projeto da RCC por meio do papel do profissional na sociedade, sendo que esse ideário se sustenta pela “certeza de que, depois de formados, os universitários possam assumir cargos de liderança na sociedade” (PROCÓPIO, 2009, p. 93) e também na estrutura do próprio movimento, conforme retrata Gabriel (2005).

Portanto, o GOU, além do seu papel de socialização do jovem carismático na universidade, possui a perspectiva de disputa interna no movimento carismático e também almeja permear a sociedade de profissionais do reino comprometidos com o Evangelho e o projeto de Deus para o mundo. Por esses motivos, é importante compreender como esse processo se estabelece no cotidiano da universidade. Para isso, toma-se como referência o estudo de Bertolazo (2008) sobre o GOU “Valei-nos São José” da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul).

O texto de Bertolazo (2008) nos interessa pelo fato de focar seu estudo na análise da “moral religiosa e sua influência no comportamento sexual” dos participantes do GOU, considerando a “religião como sendo um produto humano que influencia a sociedade na forma de conceber e vivenciar essa sexualidade”. Dessa forma, preocupa-se com a “problemática da vivência do sexo e da postura moral adotada por estes jovens em relação à sua sexualidade”. Em seu trabalho sobre o GOU da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, a autora avalia que os membros do grupo adotaram o chamado “namoro santo” como forma de superação do “ficar”, termo que é

comumente conhecido no meio juvenil e universitário. Assim, em oposição às relações afetivas momentâneas simbolizadas pelo “ficar”, o “namoro santo” é considerado o relacionamento “ideal entre os fiéis antes do casamento”. Trata-se de “um namoro sem relações sexuais, voltado para o conhecimento psicológico um do outro” (BERTOLAZO, 2008, p. 46).

Por esses motivos, o fiel do GOU busca manter a posição da instituição católica na universidade, aguardando o casamento para a iniciação de uma vida sexual e fazendo duras críticas aos comportamentos homossexuais muito presente nas universidades brasileiras. Nesse sentido, a busca por um contato mais íntimo com o sagrado, conduz o jovem do GOU para comportamentos rígidos em comparação aos demais jovens da sociedade. Para Bertolazo, esse cenário conduz ao sucesso do catolicismo no sentido do resgate da moral cristã. No entanto, há a necessidade de se verificar essa afirmação em outros contextos universitários, sendo que a proposta desta pesquisa é analisar esse processo no interior da UFG.

Considerações parciais

O fundamental dos elementos expostos acima diz respeito à proposta de vivência do catolicismo carismático no ambiente universitário, altamente desfavorável para posturas conservadoras de cunho comportamental, principalmente àquelas que dizem respeito à afetividade e sexualidade. Pelo que parece, a ação dos GOU's está focada na divulgação desse tipo de postura diante da comunidade acadêmica.

Diante disso, uma pesquisa dessa natureza se justifica pela importância crescente dada pelas religiões aos jovens. Todavia, ocorre uma desvalorização da juventude como protagonista na sociedade e enquanto sujeito de direitos, sendo que o estigma do jovem sinônimo de problemas está fortemente presente na sociedade brasileira. Nesse processo, as organizações religiosas procuram recrutar seus membros no meio juvenil, mas não valorizam as experiências das juventudes, identificando-os como figuras destituídas de capacidade de ação mobilizadora. Nesse sentido, o jovem é procurado para ser educado, evangelizado e sua experiência de vida é muitas vezes desconsiderada ou confrontada com um novo projeto de vida.

Esse processo tem produzido um cenário altamente desfavorável para o segmento jovem da sociedade brasileira, visto que a juventude tem sofrido em demasia com a falta de emprego formal, com a educação pública sem qualidade, com a questão da

violência e, notadamente, com um cenário sem perspectiva de futuro. Como não há espaço para o crescimento pessoal e social, com inserção real no mercado de trabalho e educação qualificada, as religiões, por exemplo, recrutam a juventude para lhes oferecer um bem de salvação que não resolve de fato os seus principais problemas.

Todavia, algumas instituições religiosas, principalmente as Igrejas pentecostais e o movimento carismático católico, acabam por alcançar certo sucesso na medida em que conseguem resgatar a autoestima de seus fiéis, inserindo-os em uma nova tribo juvenil, a tribo da “Juventude de Jesus”. A consequência desse processo é a construção de um cenário em que os objetivos são claramente perfilados em torno da influência do comportamento do jovem. No entanto, o modo como os jovens vivem essas relações e as tensões desses projetos ainda constitui interesse para a pesquisa.

Assim, ao voltar-se para o exame das questões religiosas com ênfase na análise dos GOU's a atual pesquisa contribui para a ampliação da compreensão desse momento no ciclo de vida. A proposta é fazer uma ligação do tema específico da pesquisa com as questões mais gerais das ciências sociais, evitando-se a fragmentação, já que é feito um recorte específico, porém, sem uma especialização excessiva sobre o tema.

É necessário também sublinhar que há poucos trabalhos e debates acerca da ação social de jovens universitários que visam estudar a pluralidade do modo de ser jovem na universidade e que tomam como referência as biografias e narrativas juvenis. Por todos esses motivos, faz-se necessário ampliar os estudos acerca das organizações juvenis na sociedade brasileira, sendo assumida no meu atual projeto a tarefa de pesquisar os jovens universitários carismáticos. Esta comunicação dá um passo em direção a isso ao apresentar uma abordagem inicial acerca dos grupos carismáticos nas universidades.

Bibliografia

- ABRAMO, Helena W. & BRANCO P. P. M. (org.) (2005) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- ALMEIDA, Ronaldo R. M. de & CHAVES, Maria de F. G. (1998) “Juventude e filiação religiosa no Brasil”. In *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. Brasília, Vol. 2.
- AUGUSTO, Maria H. O. (2005) Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. In *Tempo Social*, vol 17, n° 2. São Paulo: USP, nov., pp. 11-33.

- BERTOLAZO, Gisele S. (2008) *Moral e comportamento sexual: a perspectiva dos jovens do grupo de oração universitário “valei-nos São José”*. Campo Grande-MS: Dissertação de mestrado, UFMS, mimeo
- CACCIA-BAVA, Augusto (et. all.) (2004) *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras.
- CARDOSO, Irene (2005) A geração dos anos 1960: o peso de uma herança. In *Tempo Social*, vol 17, n° 2. São Paulo: USP, nov., pp. 93-107.
- DELORY-MOMBERGER, Christine & SOUZA, Elizeu Clementino de (2009) *Parcours de vie, apprentissage biographique et formation*. Paris, Téraèdre coll.
- FORACCHI, Maria M. (1972) *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira.
- ____ (1965) *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Nacional.
- GABRIEL, Eduardo (2005) *A evangelização carismática católica na universidade: o sonho do grupo de oração universitário*. São Carlos-SP: Dissertação de mestrado, UFSCar, mimeo.
- GONÇALVES, Hebe S. (2005) Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. In *Tempo Social*, vol 17, n° 2. São Paulo: USP, nov., pp. 207-219.
- IBGE (2002) Censo demográfico brasileiro de 2000.
- LECCARDI, Carmen (2005) Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. In *Tempo Social*, vol 17, n° 2. São Paulo: USP, nov., pp. 35-57.
- MANNHEIM, K. (1967) *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARIZ, Cecília L. (2005) Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. In *Tempo Social*, vol 17, n° 2. São Paulo: USP, nov., pp. 253-273.
- MENDOLA, Salvatore La (2005) O sentido do risco. In *Tempo Social*, vol 17, n° 2. São Paulo: USP, nov., pp. 59-91.
- NOVAES, Regina R. (2005) Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In ABRAMO, Helena W. (org.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- ORTIZ, Renato (1980) *A consciência fragmentada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- PAIS, José M. (1993) *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PIMENTA, Melissa M. (2007) Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias. São Paulo: Tese de doutorado, USP, mimeo.
- PROCÓPIO, Carlos E. (2009) A RCC na universidade: transformando o campo de conhecimento em campo de missão. In CARRANZA, Brenda et. all. (orgs.) *Novas*

- comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida-SP: Idéias & Letras.
- SALLAS, Ana L. F. & BEGA, M. T. S. (2006) Por uma Sociologia da Juventude – releituras contemporâneas. In *Revista de Sociologia e Política*, abr, vol.5, n 8. Florianópolis-SC, p. 31-58.
- SINGER, Paul (2005) A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In ABRAMO, Helena W. (org.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- SOFIATI, Flávio M. (2012) *Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação*. Goiânia-GO: CAJU, São Carlos-SP: EDUFSCar.
- ____ (2011) *Religião e juventude: os novos carismáticos*. Aparecida: Idéias & Letras, São Paulo: FAPESP.
- SOUSA, Janice. T. P. de (1999) *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens dos anos 90*. São Paulo: Hacker.
- ____ (2006) A sociedade vista pelas gerações. In *Revista de Sociologia e Política*, abril, vol. 5, nº 8. Florianópolis-SC, p. 09-30.
- SPOSITO, Marília P. (2009) *A pesquisa sobre jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)*. Mimeo.
- ____ (2009b) *Estudos sobre jovens na interface com a política*. Mimeo.
- ____ (et. all.) (2007) (org.) *Juventude o contemporaneidade*. Brasília: UNESCO/MEC/ANPED, Coleção Estudos Para Todos.
- UNESCO (2004) *Juventudes brasileiras*.
- WEBER, Max (2005) *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Cia da Letras.
- ____ (2004) *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB. Volume I.
- ____ (2002) *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC.
- ____ (1992) *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez, Editora da UNICAMP, Vol. 1 e 2.